

COMO EMPODERAR MENINAS

Katia Jeanne Teixeira Dias ¹

Ecione Félix de Lima²

Yzynyia Silva Rezende Machado ³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo possibilitar reflexões e dar visibilidade aos problemas que afetam globalmente à vida das meninas, como falta de acesso à educação, oportunidades no mercado de trabalho, casamento e gravidez na adolescência, saúde, elevada carga de trabalho doméstico, insegurança econômica, além dos casos de violência, fora e dentro de casa. O referido estudo tomou como aporte teórico BRASIL (2017) e BERTH (2018). A metodologia adotada caracteriza-se como revisão bibliográfica. Os resultados evidenciaram que a escola pública precisa ser esse ponto de informação acerca dos direitos sexuais e reprodutivos, métodos contraceptivos e dos programas de saúde oferecidos pelo governo, além dos PSFs e hospitais, a fim de aproximar esses conceitos e meios de prevenção e tratamento da realidade das jovens estudantes. Também constatou-se que empoderamento feminino tem como base a consciência expressa por ações que fortalece e desenvolve a equidade na sociedade, sendo diferente do feminismo, embora interligados. Portanto, o sucesso de uma menina é o sucesso do mundo. Meninas são uma força comprovada para a mudança e são o catalisador para diminuir com a pobreza global.

Palavras-chave: Feminismo, Empoderamento, Educação, Sociedade.

INTRODUÇÃO

No atual contexto, observa-se que a sociedade vem passando por mudanças e uma muito importante que se destaca é o papel da mulher, uma vez que a sua independência é fator altamente fundamental para sua libertação. Neste sentido, o referido estudo temo como objetivo possibilitar reflexões e dar visibilidade aos problemas que afetam globalmente à vida das meninas, como falta de acesso à educação, oportunidades no mercado de trabalho, casamento e gravidez na adolescência, saúde, elevada carga de trabalho doméstico, insegurança econômica, além dos casos de violência, fora e dentro de casa.

Neste mesmo contexto, convém citar que o empoderamento feminino não é uma ideologia a ser pregada e sim uma forma de criar consciência. A partir disso, cada um pode mudar sua forma de agir diante de diversas situações sociais, apoiando causas e ações criadas por mulheres, possibilitando que conquistem igualdade entre gêneros, social e política. Ainda

¹ Especialista pelo Curso de Mídias e Tecnologias na Educação da Universidade Federal – UFRN. katiajeannedias@gmail.com.

² Especialista em Língua Portuguesa e Matemática numa Perspectiva Transdisciplinar (IFRN). ecionefelix02@gmail.com.

³ Professor orientador, Mestra pelo Curso de Inovação em Tecnologias Educacionais da Universidade Federal – UFRN. yzynyia@hotmail.com

que não apareça de forma explícita, este aprendizado está alinhado às competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com destaque para: Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

METODOLOGIA

O referido estudo caracteriza-se como revisão bibliográfica e a abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 2014). Também usou-se como metodologia a observação nas aulas, leituras teóricas em relação a área explorada, dentre outros recursos para se chegar ao resultado satisfatório.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) define violência como o “uso intencional de força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”. A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará – ONU) considera como violência contra a mulher “todo ato baseado no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública, quanto privada”. Essas premissas são partes integrantes da Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Causas Externas (MS, 2001) e Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (MS, 2004)

No que se refere ao empoderamento, BERTH (2018) ressalta que é um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstruem e desconstruem em processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas portodos e todas. O empoderamento visa a estrada para contraposição fortalecida ao sistema dominante, a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva de ser.

Portanto, é preciso fazer uma reflexão sobre a conduta da mulher de forma que não anule mais sua personalidade para atender expectativas dos outros. É preciso que defender a liberdade e os direitos iguais, afirmando que as mulheres não precisam se



adequar a estereótipos de masculinidade. A sociedade é impregnada de um patriarcalismo que reproduz incessantemente que a mulher não é capaz de exercer determinadas tarefas, não há representatividade feminina em posições de poder, com pouca visibilidade e respeito, tendo que lutar para a mudança de estereótipo (ADICHIE, 2015, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciaram que o empoderamento de meninas não deve ser uma preocupação exclusiva de quem tem filhas: pais e mães de meninos também têm um grande trabalho para fazer aqui.

Segundo Melo (2012) ressalta que empoderamento não pode ser considerado um processo com um começo bem delineado e um final com as mesmas experiências para todas as mulheres, uma vez que não existem fórmulas ou projetos, receitas ou modelos prescritos que mostrem à mulher como elas devem agir para o seu empoderamento. Ao contrário, ele é moldado para cada indivíduo com base em suas próprias experiências, contextos e histórias. A mulher que passa pelo processo de empoderamento acredita que pode lidar com eventos, situações e/ou pessoas com as quais ela confronta. Assim, as estratégias que fortalecem o senso de determinação de uma pessoa, fazem com que ela se sinta mais empoderada. (RAWAT, 2014).

Também constatou-se é desafiador criar meninos para serem diferentes em um mundo onde o patriarcalismo é muito forte, entretanto, não é impossível. Desde pequeno, é importante ensinar a eles a ter responsabilidade pela casa e a serem incluídos nas organizações e tarefas domésticas.

No que se refere ao brincar, é importante que os pais não coloquem limitações sobre os tipos de brinquedo, assim como não façam comentários negativos se ele estiver brincando com as bonecas da irmã, por exemplo. Esse tipo de visão é algo criado por adultos e os pequenos não fazem esse tipo de distinção de “brinquedos para meninos” e “brinquedos para meninas” – apenas se forem ensinados. Ao crescer, ensine o seu filho a ter respeito pelas mulheres, a não fazer julgamentos pelas roupas, a não incapacitar e não colocá-las em situações de constrangimento e violência.

Portanto, faz-se necessário pensar em meios de como educar meninas empoderadas e meninos é um trabalho de formiguinha, feito no dia a dia e que requer muito estudo e dedicação por partes dos pais, família e responsáveis, para que as crianças não sejam exemplos incoerentes com a educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do contexto apresentado, pode-se dizer que educar com base no empoderamento de meninas pode ser desafiador, mas necessário. Desafiador, porque é preciso que os próprios pais transformem os seus pensamentos e comportamentos para garantir bons exemplos aos filhos, e também porque não é fácil criar mulheres em uma sociedade que ainda tem muito a avançar em diversas esferas sociais.

Neste sentido, a educação que vem por parte da família é um divisor de águas: ela tanto pode ser machista e oprimir o desenvolvimento e autoestima das meninas, como pode ser libertadora, e permitir que elas se sintam seguras e tenham suas características físicas, emocionais e intelectuais respeitadas.

Diante do exposto, fica claro que com as mudanças da sociedade, é cada vez mais necessário transformar a educação e garantir que meninas e meninos estejam preparados para criar um mundo mais igualitário e justo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimmanda Ngozi. Para educar crianças feministas: um manifesto. São Paulo: **Editora Companhia das Letras**, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a base. Brasília: **MEC**, 2017.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Gêneros diferentes, direitos iguais. Brasília, 2010d. Disponível em: Acesso **em: 26 jul.** 2020.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica. 3. ed. atual. e amp. Reimp. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2012.

BERTH, Joice. O que é empoderamento? Belo Horizonte: **Editora Letramento**, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 2ª edição. Rio de Janeiro: **E.P.U.**, 2014

MELO, M. C. O. L. Mulheres gerentes entre o empoderamento e o “teto de vidro”. In: FREITAS, M. E. de; DANTAS, M. (Orgs.). Diversidade sexual e trabalho. São Paulo: **Cengage Learning**, 2012.

RAWAT, P. S. Patriarchal Beliefs, Women's Empowerment, and General Well-being. **The Journal for Decision Makers**, v. 39, n. 2, 2014.